



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Valdemar Valente Junior

Universidade Estácio de Sá

orcid.org/0000-0001-6190-989X

valdemar.valente@hotmail.com

Triste Fim de Policarpo Quaresma e a crise na Primeira República

RESUMO: O presente manuscrito tem por objetivo estabelecer a possibilidade de uma leitura crítica acerca dos descaminhos da Primeira República através da desconstrução ideológica desenvolvida em Triste fim de Policarpo Quaresma, romance de Lima Barreto. Em vista do cenário de que o ficcionista lança mão, se faz possível a contextualização da realidade brasileira nos instantes seguintes ao implemento do regime republicano. Diante desse acontecimento, pode ser observado o nacionalismo alegórico da personagem que nomeia o romance em razão do que representa a violência e o autoritarismo do regime que o condena à morte por fuzilamento.

Palavras-chave: Primeira República; nacionalismo alegórico; humorismo; sátira.

INTRODUÇÃO



O Brasil na Primeira República configura-se como uma representação equivocada do que lhe possa vir a conferir a condição de país moderno, esgueirando-se na resolução de demandas políticas e sociais por caminhos que não condizem com a melhor opção. As peças do jogo colocadas sobre o tabuleiro pelo regime republicano, no afã de coibir o que acredita serem consequências da Monarquia deposta, costura alianças que trazem ao palco de suas ações uma gama de arrivistas que se servem da habilidade de alpinistas políticos para galgarem cargos nos relevantes escalões do poder. A esses aproveitadores ainda corresponde a condição de indivíduos sem o mínimo verniz de cultura, uma vez que em sua maioria não passam de interioranos toscos trazidos à Capital Federal pelos mandatários da política do café com leite, assim denominada pela origem de suas lideranças paulistas e mineiras. Essa política dominada por atravessadores do poder difere do que representara a figura do imperador deposto, que mesmo não tendo a força política necessária para conferir à libertação dos escravos a magnitude de evento social, sem oferecer à escravatura liberta condições de cidadania e inclusão, comportou-se no poder como um democrata, convivendo com o contraditório da política.

Assim, a deposição do imperador assume a condição de uma quartelada que não corresponde aos anseios dos liberais traídos pelo novo governo que promove prisões, obrigando seus opositores à amargura do exílio. Nesse sentido, verifica-se um retrocesso com relação ao regime deposto, além do fato de que as medidas de natureza econômica e as ações militares de repressão aos seus opositores mostram-se como tragédias anunciadas. O desamparo aos ex-escravos que caminham das fazendas no interior em direção às cidades concorre para que prolifere o desemprego e a violência, ao que se coadunam a alta no preço dos alimentos e sua consequente escassez de oferta, haja vista a pressão econômica advinda da desastrosa política conhecida como Encilhamento. De fato, com o aumento na emissão de moeda circulante e o desestímulo à produção, a população corre aos

bancos como se fosse ao turfe apostar nas corridas de cavalos, disso decorrendo o nome pelo qual a política



monetária torna-se conhecida. A dilapidação do patrimônio público e a inversão na ordem dos valores sociais concorrem para que o país se aprofunde no comprometimento de suas reservas e endividamento junto às instituições internacionais.

A partir do que esse contexto traduz estão definidas as condições para que a obra de Lima Barreto tenha efeito, em vista do ressentimento que acumula. Ainda que em situações transversais, o escritor se opõe ao poder na Primeira República, na medida em que sua trajetória não corresponde à dos novos-ricos que ascendem aos cargos políticos, ainda ocupando postos no jornalismo e na literatura. Filho de um tipógrafo da Imprensa Nacional, sente na pele a retaliação dos republicanos aos monarquistas, na ocasião em que seu pai é demitido e obrigado a mudar-se para o subúrbio, dando início ao calvário de uma existência marcada por sucessivas quedas. Do mesmo modo, a loucura do pai o obriga a ir trabalhar como amanuense no Ministério da Guerra, atividade burocrática que deplora, uma vez que lhe rouba o tempo necessário à escrita e lhe obriga a conviver com a mediocridade do serviço público. Também preterido por colegas e professores da Escola Politécnica, em sua maioria republicanos e positivistas, onde tenta estudar engenharia, sua vida corresponde às expiações a que somente o vício do álcool consegue aplacar.

Em vista dessa realidade predominam alguns de seus romances mais tensos. Por sua vez, no período em que o álcool ainda não lhe ceifara o humor, compõe o que se confirma como seu romance mais importante. Assim, *Triste fim de Policarpo Quaresma* corresponde à visão contrária de Lima Barreto acerca de um sistema pelo qual não possui qualquer motivo de admiração. Por conta disso, sua obra situa-se na contramão dos fatos que emanam do que considera como um equívoco, quando se refere a uma burguesia argentária e desqualificada que ocupa espaços políticos sem possuir qualquer mérito. Na lista de seus romances, o arrivismo social, o preconceito e o descaso com relação às populações pobres e afastadas do centro das decisões políticas são temas da maior relevância. Por sua vez, *Triste fim de Policarpo Quaresma* difere do restante de sua obra, uma vez que se serve de exemplos contrários ao ataque direto que

promove contra o sistema para caracterizá-lo em sua inépcia e em sua incompetência.

Nesse contexto, o Major Policarpo Quaresma situa-se como representante de um nacionalismo ufanista que mostra sua face a partir do advento republicano como imagem decorativa do que predomina em razão da ineficácia de medidas que possam auferir pontos positivos ao novo governo. Daí prevalecer o que se explicita em *Por que me ufano do meu país*, de Afonso Celso, obra de elevado teor positivista que referencia o pensamento político da época a partir do gigantismo que remete às riquezas de um país que tem na hipérbole da natureza um contraponto à concepção de um povo ordeiro e submisso. A isso coadunam-se as premissas do que o Major Quaresma busca pôr em prática em vista do que considera como o caminho da redenção de um país capaz de vir a ser o celeiro do mundo. Esse ideário constitui-se na expressão de um nacionalismo ingênuo que não corresponde à ditadura florianista que sufoca com crueldade e sadismo a Revolta da Armada, condenando à prisão e ao fuzilamento os marinheiros insurretos.

Em vista disso, *Triste fim de Policarpo Quaresma* sintetiza a situação que se instaura com a Primeira República, na ocasião em que Lima Barreto se serve de elevada dose de ironia, fazendo do Major Policarpo Quaresma o porta-voz de um ufanismo que se vê frustrado em sua legitimidade. A aposta dos setores médios da sociedade nas propostas da Primeira República resultaria no malogro dos sonhos aos quais o major idealista tanto se apegava. Assim, a dissolução de um projeto que lhe rouba o tempo de vida pessoal acaba em fracasso, a exemplo do que Lima Barreto concebe acerca de um sistema pelo qual devota o mais absoluto desprezo. A partir de um plano de descaracterização do sistema político que tem como referência o seu oposto, em vista do que o Major Policarpo Quaresma representa, o escritor confere originalidade ao que se constitui no objeto a que se opõe servindo-se de uma alegoria utilizada como forma de combate, em que pesem as armas de que o inimigo dispõe.





O IDEALISTA E A REFORMA

A figura do Major Policarpo Quaresma apresenta-se como expressão caricata de um nacionalismo acrítico que tem por base a demanda reprimida de um ufanismo redentor nunca chega a se consubstanciar. A isso acrescenta-o Positivismo mal digerido

que, ao ser incorporado pelo senso comum, transforma-se em ideologia dominante, justificando-se em medidas marcadas pelo açoitamento e pela truculência dos mandatários. Nesse sentido, o Major Policarpo Quaresma representa mais um dos que sonham com a pujança de um país soberano, ao depositar suas expectativas em um regime que coíbe com violência seus opositores. Em meio a tantos motivos, a Primeira República desperta no escritor o sentimento da injustiça que se eleva a cada observação que traz para o plano do romance. Assim, os descaminhos se acumulam em razão de sua sensibilidade privilegiada. Por essa via, *Triste fim de Policarpo Quaresma* desconstrói o modelo vigente a partir do que representa sua ideologia, não ocasião em que Lima Barreto busca no que mais abomina um elemento de ironia e sátira:

Aí reside a maior modernidade do projeto de Lima Barreto. O ponto nevrálgico o é porque é ambíguo: a escrita ficcional subscreve o discurso histórico-nacionalista e ufanista e ao mesmo tempo o rejeita, julgando-o, criticando-o como ilusório. A escrita ficcional ao mesmo tempo compartilha dos valores sociopolíticos e econômicos que vinham sendo veiculados por aquele discurso e marca a necessidade e uma reviravolta – a nível de discurso – para que melhor se coloquem e se estudem os verdadeiros problemas nacionais. (SANTIAGO, 1982, p. 175).

Em vista do que o romance evidencia, Lima Barreto articula sua posição a partir de um discurso que, na voz do Major Policarpo Quaresma, potencializa sua força para em seguida evidenciar seu fracasso. A constatação de que nada valera a pena, sendo em vão o seu sacrifício, faz do major idealista uma alegoria do sistema condenado a sucumbir por seus próprios meios, não havendo qualquer possibilidade de a pantomima republicana vir a dar certo. A isso corresponde uma espécie de riso em surdina do escritor que condena à morte por fuzilamento sua personagem mais original. O impasse diante do qual a narrativa se situa pode deixar de fazer sentido, na medida em que a condenação do Major Policarpo Quaresma destoava do que deveria corresponder

ao mérito de quem representa uma expressão do nacionalismo postiço e caricatural que predomina na Primeira República. A dimensão crítica do ufanismo republicano não tem como retroagir em seu processo, tornando-se ineficaz qualquer tomada de posição em sentido contrário à ideologia dominante.



Desse modo, há que se pensar no oposto do que significa o amor do Major Policarpo Quaresma pelo Brasil e de que modo esse jogo se desenrola nos bastidores da cena política, o que em nada corresponde ao patriotismo que delimita seu lugar nas instâncias da narrativa. Diante disso, a presença do Marechal Floriano Peixoto difere da representação do major nacionalista. O confronto de propósitos reforça a ideia de que as hostes do governo nada mais são que um mero teatro cujas personagens não se sustentam em seu estofo ideológico. Por isso, a configuração positivista que se impõe como registro não passa de um arremedo que serve como justificativa à falta de preparo intelectual e traquejo político dos governantes. Pode-se constatar que todo o aparato referente a uma espécie de nacionalismo de cartolina e papel crepom não representa senão o modo de se poder escamotear o descumprimento de demandas que concorrem para agravar a situação de dependência de um país que desconhece sua própria realidade:

Há, portanto, visíveis, duas dimensões na obra de Lima Barreto, uma primeira organizada em torno da temática do poder e seu efeito de separação, discriminação e distanciamento entre os seres e uma segunda, cujo arranjo provém da experiência dolorosa dos “humilhados e ofendidos” e que converge para o ideal da máxima confraternização entre os membros da humanidade. (SEVCENKO, 1995, p. 185).

A condição de uma obra que expressa o oposto do que Lima Barreto concebe corresponde ao vezo da ironia que caminha em direção ao malogro, uma vez que o fim do major idealista corresponde ao fracasso do governo. Na verdade, *Triste fim de Policarpo Quaresma* aponta para uma vertente de observação crítica que isola seu autor, em face dos escritores cooptados pelo sistema, contra os quais se indispõe. Por sua vez, esse isolamento apresenta-se como posição *avant la lettre* diante do que seria ação modernista, que por motivos de ordem estética rejeita o conservadorismo dos parnasianos. O preço a ser debitado a Lima Barreto corresponde ao sacrifício do major idealista que sucumbe à



morte por fuzilamento, ao ser acusado de trair os interesses do país. Nesse sentido, a contradição que se apresenta aos olhos do leitor reitera a crise de valores que se faz notar como sinal de um tempo de mudanças na estrutura do poder.

A devoção do Major Policarpo Quaresma pelas potencialidades brasileiras concorre para que seu desejo se converta em uma espécie de retórica do fracasso, uma vez que os prodígios da natureza que evoca em seu discurso são manifestações de um nacionalismo que em nada contribui para a concretização do sonho que alimenta. Nesse sentido, a grandeza brasileira mostra-se contrária ao seu significado, uma vez que não corresponde às iniciativas mais simples que o major idealista busca colocar em prática. A isso alia-se o caráter messiânico de quem acredita ser o Brasil uma terra de promessa, não levando em conta os entraves decorrentes de uma política pautada no favorecimento a grupos locais, o que concorre para estorvar qualquer diretriz que fuja ao caráter decorativo que permeia as relações de poder na Primeira República. O descompasso em relação à absorção de elementos do mundo moderno em um país marcado por enormes desníveis sociais fundamenta a crítica de Lima Barreto como termo de que *Triste fim de Policarpo Quaresma* se utiliza ao aprofundar o teor da ironia e da sátira que lhes servem de sustentação:

Lima Barreto é um narrador urbano, tipicamente carioca, e nele é consciente a intenção de fazer a crônica do primeiro período republicano. Há de fazê-la, no entanto, sob o prisma da sátira e da caricatura impiedosa, que parece tudo abraçar, dos burocratas medíocres à tirania de Floriano Peixoto, dos intelectuais que cultivam o sorriso da sociedade aos ativistas políticos que enfrentarão o fuzilamento ao raiar do dia seguinte. Afinal, para Lima Barreto, a República não era senão o somatório da velha oligarquia rural aliada ao militarismo e à burocracia do Estado. (CHAVES, 1991, p. 23-24).

O repertório de que o Major Policarpo Quaresma se utiliza como termos a serem aplicados à configuração do país que imagina não conhece limites, uma vez que obedece ao desprendimento acerca dos desejos mais legítimos da condição humana. Daí a realização dos sonhos que nutre mostrar-se improvável, mesmo em face de seu empenho em ver viger as mudanças que colocariam o país não lugar que lhe é devido. As reformas que pretende empreender com o aval do governo não são mais que a reprodução de modelos que se situam apenas



como uma imitação do que acredita ser a realidade, confirmando-se em derrocada. Nesse sentido, a obsessão que corresponde à vontade de servir ao país concorre para que seu triste fim não exemplifique absolutamente nada, na medida em que o regime de exceção tem nele apenas um traidor a ser executado. Por isso, a trajetória dos perdedores não merece ser destacada, uma vez que ao Major Policarpo Quaresma resta apenas caminhar em direção à morte.

NACIONALISMO E UTOPIA

A propaganda ideológica embutida nas ações da Primeira República reflete a urgência que o regime manifesta no banimento do que possa representar uma lembrança da Monarquia deposta. Assim, os símbolos referentes à nomenclatura indígena, tão caros ao fortalecimento de um sentimento de brasilidade, são suprimidos e substituídos por expressões estrangeiras. Desse modo, a proposta do Major Policarpo Quaresma, no sentido de oficializar o tupi em lugar do português como idioma brasileiro, atende a um desejo decorativo, não diferindo das proposições do mesmo modo bizarras do regime republicano. A diferença essencial corresponde à utopia que defende, a partir de uma pátria livre e soberana, o que não coincide com a concepção autoritária de um regime que contraria as liberdades democráticas e o sentido do que uma república representa. Por esse meio, as representações do poder seguem a direção oposta da utopia que o Major Policarpo Quaresma defende, uma vez que essa ordem vigente não passa de um jogo de xadrez que se faz representar pelo pragmatismo de seus lances decisivos:

Descrentes da possibilidade de influir decisivamente sobre as mudanças sociais que se processam sempre mediante acordos de cúpula entre as classes dominantes, os intelectuais tendem a evadir-se da realidade concreta, a colocar-se num terreno aparentemente autônomo, mas cuja autonomia é respeitada precisamente na medida em que não se põem em jogo as questões decisivas da vida social, as concretas relações sociais de poder. (COUTINHO, 1974, p. 4).

Por outro meio, a alteração das regras desse jogo não teria efeito, uma

vez que ao Major Policarpo Quaresma não importa a definição política do regime, desde que a postura oficial reitere seu



desejo, a partir do fortalecimento dos ideais que acredita serem os mesmos que movem os governantes. No entanto, há que se pensar acerca da distinção do que representa o caiporismo de um sonhador embevecido com os prodígios naturais de sua terra em relação um regime autoritário sob as manoplas de um marechal

conhecido por sua tirania. Nesse sentido, a ingenuidade do Major Policarpo Quaresma não lhe faz perceber as regras de uma articulação política perigosa na qual se envolve sem ter a ideia de onde se encontra a saída desse labirinto. Daí os interesses políticos colocarem-se acima de qualquer outra prioridade, referendando o punho de ferro de um determinismo capaz de se sobrepor às propostas bem-intencionadas que lhe possam desviar a rota estabelecida. O despreparo político do homem desavisado acaba por condená-lo, em vista da carta de desagravo à situação dos presos políticos, por ocasião da Revolta da Armada que envia ao presidente da república.

Há que se perceber em *Triste fim de Policarpo Quaresma* a dimensão crítica que Lima Barreto enceta com a intenção de conduzir o regime político a uma derrota, tendo como ponto de destaque a queda do major idealista. A imagem hiperbolizada da natureza brasileira atende à ilusão e à redenção do país, residindo na imaginação e no desejo de que esse mito de grandeza possa preencher as lacunas de algo que se mostra inconcluso. Na verdade, toca aos brasileiros um sentimento de incompletude que diz respeito a uma natureza exaltada ao limite extremo e a pequenez de um povo que segue seu rumo como formigas de correição. Esse descompasso faz do homem brasileiro alguém para quem o futuro nunca há de chegar. Por conta disso, o protagonismo do Major Policarpo Quaresma corresponde à sua condição de porta-voz de um sonho que o faz idealizar o país. No entanto, essa condição esbarra no interesse de uma elite dirigente que condena os mais pobres a uma condição injusta:

O ressentimento do mulato enfermiço e o suburbanismo não o impediram, porém, de ver e de configurar com bastante clareza o ridículo e o patético do nacionalismo tomado como bandeira isolada e fanatizante: no Major Policarpo Quaresma afluam tanto as revoltas do brasileiro marginalizado em uma sociedade onde o capital já não tem pátria, quanto a própria consciência romancista de que o caminho meufanista é veleitário e impotente. (BOSI, 1989, p. 359).



O significado de *Triste fim de Policarpo Quaresma* concorre para que o que Lima Barreto considera como uma patriotada fora de propósito seja capaz de eleger como mártir alguém a quem o sistema poderia poupar. No entanto, o Major Policarpo Quaresma representa uma parcela da população embevecida com a propaganda ideológica que se espalha a partir da concepção de um país com muito recursos naturais aos olhos da massa excluída. Por sua vez, a campanha do governo não corresponde à realidade na qual o povo não se inclui. Nesse contexto, o Major Policarpo Quaresma não abre mão de sua crença, levando-a às últimas instâncias, sem que a isso se integre qualquer relação entre a cena e os bastidores de um teatro político cujos papéis não domina. Diante disso, sua intenção diz respeito à tradição em nível popular dos postulados positivistas que grassam como medida comum. Isso, por seu turno, não corresponde à política oficial, uma vez que a síntese de seu pensamento não possui o alcance intelectual necessário à decifração teórica do que esse postulado filosófico significa.

A configuração de uma república às avessas denuncia a inépcia de uma classe dirigente que tropeça em seus próprios erros. Nesse contexto, Lima Barreto não representa senão um exegeta dos conflitos que marcam a Primeira República como período de contradições entre uma postura oficial arcaica, baseada na agro exportação, e a urgência na modernização das estruturas governamentais e no implemento da indústria. A esse processo de modernização a reboque corresponde o acordo com as instâncias do capital internacional que buscam investir no país, mas necessitam de instalações adequadas à exposição de seus negócios. Nesse sentido, os próceres da Primeira República custariam a entender a dimensão dessas mudanças, optando, em princípio, pelo fomento a uma tavolagem decorrente da emissão excessiva de numerário, o que concorreria para bancarrota que obriga o país a recorrer a empréstimos junto a instituições financeiras do exterior. O anúncio do fracasso brasileiro tem como possibilidade de recuperação simbólica o ufanismo que tem no Major Policarpo Quaresma uma representação:

70



restringisse a mais completa autonomia de pensamento ou que classificasse os seres humanos em grupos diferenciados por qualquer critério. (SEVCENKO, 1995, 189).

Ao retornar em cerca de duas décadas ao tempo que separa a publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* da Revolta da Armada, no governo Floriano Peixoto, Lima Barreto isenta-se da

crítica direta ao período em que a obra vem à luz, servindo-se dessa estratégia para proteger-se, em função das críticas que dirige ao sistema. A isso acrescenta-se a desconstrução promovida pelo Major Policarpo Quaresma como personagem despossuída de vocação revolucionária ou posição ideológica contrária ao nacionalismo que grassa como proposição referente a esse tempo. A dimensão crítica do que Lima Barreto evidencia insere-se como diferença que caracteriza a condução de seu pensamento. O escritor seguidamente preterido nos espaços de intermediação da atividade literária não é senão um pouco de cada uma das personagens que inventa. Por conta disso, a exemplo do Major Policarpo Quaresma, segue a direção dos sonhos que se perdem sem que se possa dar conta de sua evasão na curva do tempo. Reféns do desejo de que se alimentam, o escritor e sua personagem não cabem na moldura política que se configura com o advento da Primeira República.

71

LITERATURA E CRISE POLÍTICA

O transe político referente ao período em que *Triste fim de Policarpo Quaresma* se desenrola diz respeito a uma alteração no encaminhamento de questões sociais que por conta da incapacidade do governo expressam a face de um messianismo que lhe serve como adjutório. Nesse sentido, Lima Barreto coloca em prática uma escrita que atua de modo eficaz, no sentido de perceber as contradições do sistema, anda que em *Triste fim de Policarpo Quaresma* seu discurso insira-se por entre as frestas do que se deixa perceber na inoperância dos gestores da política que ascende ao poder. Assim, o desejo do Major Policarpo Quaresma de que a língua de nossos primeiros habitantes fosse o idioma oficial ou de que o violão e a modinha fossem o instrumento e a música que nos representam como povo atua como alegorias acerca do esvaziamento de um sistema incapaz de lidar com a

realidade social de um país que há muito pouco tempo abolira o trabalho servil:

Sua obra, desde Isaías Caminha, tinha inequívoco traço nacional e popular, voltada para os costumes e abrigando personagens humildes, distantes dos salões celebrados, ao tempo, pelos autores consagrados, nos romances mundanos. (SODRÉ, 1987, p. 39).



Por esse meio, *Triste fim de Policarpo Quaresma* denuncia a ilusão acerca dos destinos de um país que não consegue lidar com as questões do presente, tampouco projetar as demandas do futuro. Aprisionado a um princípio ideológico refratário a uma abertura de pensamento favorável à ascensão das minorias, o sistema contraria os interesses de Lima Barreto, na condição de escritor e cidadão, fazendo-o, por conseguinte, recorrer ao ufanismo do Major Policarpo Quaresma como exemplo da dolorosa ironia que acaba por condená-lo. Assim, o amor à pátria como condição acima do próprio homem atinge seu limite a partir do desejo de quem de tudo se abstém para servi-la. Por sua vez, a inspiração que o move não leva em conta qualquer benefício de ordem pessoal, senão a devoção que alimenta como um sentimento de dimensão irrestrita. O sacrifício do Major Policarpo Quaresma arrima-se em um sonho que o faz portador do desejo comum a uma série de intelectuais interessados que pensam a respeito dos destinos do país.

No entanto, na medida em que no romance confirma-se a condição de um regime que esbarra em seus equívocos, diante da insignificância de um país semibárbaro, exportador de matérias primas e importador de produtos acabados, evidenciam-se níveis alarmantes de pobreza e analfabetismo. Desse modo, a posição que Lima Barreto defende, mesmo sacrificando o Major Policarpo Quaresma como símbolo de uma inocência coletiva, reitera sua diferença em relação aos escritores apadrinhados pelo poder. Esses escritores servem aos seus patronos ao alardearem a propaganda do sistema através de obras que reiteram o conformismo de que são reféns, em nada contribuindo para o debate de ideias com vistas à transformação da sociedade. Diante disso, a Primeira República confirma-se como espaço de poder de artistas e escritores que não contribuem para que as mudanças acordadas sirvam ao interesse das massas:



Traçar um paralelo puro e simples entre o desenvolvimento da literatura brasileira e a história social do Brasil seria não apenas enfadonho, mas perigoso, porque poderia parecer um convite para olhar a realidade de maneira meio mecânica, como se os fatos históricos fossem determinantes dos fatos literários, como se o significado e a razão de ser da literatura fossem devidos à sua correspondência aos fatos históricos. (CANDIDO, 2003 p. 163).

Assim, o sonho do major idealista reforça o sentido de uma república de imitação, conferindo-lhe a possibilidade de poder atuar no inconsciente da população, uma vez que o sucesso embutido na propaganda oficial funciona como cartada política de um sistema que, pela pobreza de suas propostas, pouco ou nada tem a oferecer. A posição de um sistema que se ampara na propaganda veiculada por porta-vozes do programa positivista tem como resultado a exaltação nacionalista de um projeto ineficaz e obsoleto, em vista de posturas que não possuem qualquer sentido nos países desenvolvidos. Por esse meio, *Triste fim de Policarpo Quaresma* deflagra uma situação de conflito, uma vez que a devoção de seu protagonista às formas de afirmação da nacionalidade esbarra na truculência de um governo que contraria o significado do que venha a ser patriotismo. Nesse sentido, o nacionalismo oficial se dispõe apenas a atender aos interesses momentâneos, correspondendo a acordos que com o tempo assumem outras formas.

A ilusão acerca dos destinos da pátria chega a um termo quando, na prisão, o Major Policarpo Quaresma recebe a visita de Olga, sua sobrinha, que o faz ver que o povo, a quem julga merecedor de confiança, não passa de uma abstração. Nesse sentido, *Triste fim de Policarpo Quaresma* evidencia um sistema político cujo projeto consiste em negar a eficácia do regime que o antecederia, pautando-se em medidas de cunho meramente imitativo. Os efeitos decorrentes de posições distantes do que se espera, a partir de mudanças que se configuram apenas como motes, não passam de especulações de cunho retórico. O que se espera da nova ordem política representa um conjunto de posturas que concorre como enfeite de um regime que não se sustenta. Daí a narrativa de Lima Barreto confirmar-se na capacidade de trazer consigo um nível de oralidade crítica que a distancia da de seus pares mais importantes:

Lima Barreto está sempre em descompasso com os escritores de seu tempo. E inicia por isto mesmo

com sua literatura militante a ruptura contra a atitude contemporânea de intelectuais sem compromisso que se diziam desinteressados de política. Insurgia-se ao mesmo tempo contra o convencionalismo e todas as formas de hipocrisia, ostensivas ou disfarçadas. (BARBOSA, 2001, p. 85).



A condição singular de *Triste fim de Policarpo Quaresma* faz com que a postura visionária de sua personagem principal seja o oposto do que Lima Barreto evidencia no restante de sua obra. O clima de tensão e denúncia que tem efeito, ao sentir no próprio corpo as marcas do preconceito e da exclusão, não se aproxima do que a obra em questão representa na condição de registro da crise que se agudiza no cerne do poder. O índice de resolução crítica que induz à derrota do projeto republicano referenda o momento em que o escritor ainda se alimenta do sonho de reconhecimento de sua carreira literária. Essa carreira seria do mesmo modo condenada, a exemplo do sonho do Major Policarpo Quaresma, seguindo na direção crepuscular de seus desejos mais legítimos. Em vista disso, escritor e personagem se aproximam, ainda que suas convicções se situem em posições opostas.

74

Referências

- BARBOSA, Francisco de Assis. *Lima Barreto: prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História da literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Realismo e antirrealismo na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história do Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.



Recebido em 01 de maio de 2020.

Aprovado em 03 agosto de 2020.

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA AND THE CRISIS IN THE FIRST REPUBLIC

ABSTRACT: The purpose of this manuscript is to establish the possibility of a critical reading of the First Republic's misdeeds through the ideological deconstruction in *Triste fim de Policarpo Quaresma*, novel written by Lima Barreto. Given the scenario the the fictionist uses, it is possible to contextualize the Brazilian reality in the moments following the implementation of the republican regime. In the face of this event, one can observe the allegorical nationalism of the character who names the novel because of the violence and authoritarianism of the regime that condemns him to death by shooting.

Keywords: First Republic; allegorical nationalism; humorism; satire.